Sede,
Tigres da Liberação Tamileelam,
Tamileelam,
27 de novembro de 2008.

Meu querido povo Tâmil Eelam,

Hoje é Maveerar Naal - o dia dos Nossos Grandes Heróis.

Neste dia de pureza, lembramos e honramos os nossos bem amados heróis, cujo supremo sacrifício pela liberação da nossa Pátria mãe continua a encher os nossos corações.

Este é, para nós, um dia de comemorações no qual homenageamos os nossos heróis bravos e valentes, que transformaram a nossa terra, que antes, já há muitos anos estava submetida ao jugo estrangeiro, e passou a ser uma terra que desafia e recusa-se se subjugar às ordens dos opressores estrangeiros.

Os nossos heróis amavam profundamente esta terra. Desde o momento em que estabeleceram como meta a redenção da nossa Pátria, até o momento em que fecharam os olhos para sempre, os sacrifícios que fizeram não têm qualquer paralelo no mundo. Nenhum outro país, além do nosso, jamais teve tanta dedicação maravilhosa, como a manifestada pelas acções dos nossos valentes heróis.

Foi nesta terra que os nossos heróis nasceram. Aqui cresceram e aqui viveram. Foi nesta terra que os seus passos marcaram o caminho. O ar que respiraram está misturado a esta terra. Desde tempos imemoráveis, de geração a geração, o povo Tâmil tem vivido nesta terra. Era esta a terra que os nossos heróis amavam profundamente. Os nossos heróis morreram por esta terra e agora descansam no seu seio. A terra em que estão enterrados pertence a nós. É a nossa própria terra. Mas uma arrogante nação Sinhala insiste teimosamente em querer ocupar e conquistar esta terra histórica de maneira atrevida. Todo sofrimento humano provém de desejos desenfreados. Quem não se livrar das garras da ganância, não se liberará do cativeiro da mágoa. Com a sua avidez de terra, os cingaleses avançam militarmente rumo a destruição. Tentam obter apoio mundial para enfrentar-nos. Têm vivido no sonho da vitória militar. Este sonho acabará quando acordarem. Com certeza.

Meu querido povo!

A terra de Tâmil Eelam tem enfrentado uma guerra mais intensa que nunca. Têm aumentado as frentes de luta em várias partes do distrito de Vanni, o ímpeto da guerra tem se ampliado. O estado de Sinhala está comprometido com a solução militar, por isto a guerra tem se intensificado e alargado-se. A intenção básica do estado de Sinhala é aniquilar a vida nacional e os recursos dos tamiles, e subjugar a nação Tâmil sob o despotismo militar e estrangeiro de Sinhala. Por isto tem avançado rapidamente com os

próprios planos de guerra. A juntar todos os próprios recursos militares e arsenais, e apoiar-se em toda a riqueza nacional, o estado racista de Sinhala tem desencadeado uma guerra atroz contra a nossa terra. Os nossos lutadores pela liberação dedicaram-se a uma resistência inflexível contra esta guerra agressiva desencadeada pelo estado racista de Sinhala. Há vários países a apoiar esta guerra de genocídio contra o povo de Tâmil Eelam, temos lutado numa guerra defensiva pela liberdade do nosso povo.

Hoje, o nosso movimento, começa uma jornada histórica, arriscada e extenuante. Neste feito histórico, temos passado por numerosas mudanças, voltas e confrontações. Temos enfrentado forças muito mais potentes que as nossas. Tivemos confrontações directas até contra forças superiores, mais fortes que as nossas. Resistimos a cada nova onda de ataques do nosso inimigo. Firmes e sós, destruímos tramas feitas de inúmeras intrigas, tecidas com traição e sabotagem. Firmes como montanhas temos enfrentado todos os perigos ameaçadores e atormentadores. Se considerarmos os acontecimentos do passado, os desafios actuais não são novidades nem tão grandes como isto. Enfrentaremos estes desafios com a força unida do nosso povo.

Esta terra que o estado de Sinhala está a tentar ocupar e escravizar nunca lhe pertenceu. Esta terra é nossa. A antiga civilização Tâmil, há muito, está estabelecida firme nesta terra. Os nossos ancestrais viviam aqui, e aqui estavam em casa. Os nossos antigos reis fizeram reinos e governaram aqui. É nesta terra onde as raízes da nossa nação são profundas que desejamos viver em paz e com dignidade, e poder decidir sobre as nossas vidas, sem a intervenção de governadores estrangeiros.

Desde o dia em que o colonialismo britânico foi substituído pela opressão Sinhala, temos lutado pelos nossos justos direitos - primeiro pacificamente e, depois armados. A luta política pelo nosso direito à autodeterminação já dura mais de sessenta anos. Neste tempo a nossa luta teve diferentes formas, desenvolveu-se, avançou e amadureceu-se. No princípio, era a luta pacífica e democrática do nosso povo pela justiça. O estado racista de Sinhala recorreu à violência armada e feroz para combater a luta pacífica do povo Tâmil pelos próprios direitos políticos. Quando a opressão do estado quebrou todas as regras e o nosso povo teve de enfrentar terrorismo puro, surgiu o nosso movimento de liberação como desenvolvimento e evolução natural da história. Fomos forçados a abraçar as armas, para proteger a nossa gente do terrorismo armado do estado racista de Sinhala. O violento percurso armado não foi nossa escolha. Foi imposto a nós pela história.

Apesar do percurso armado ter-nos sido imposto como necessidade irrefutável, mesmo assim desejamos parar a guerra e procurar uma solução pacífica para a questão nacional do nosso povo. O nosso movimento de liberação está sempre pronto para isto. Não somos contrários a uma solução pacífica. Nunca hesitamos em participar em conversações de paz. Desde Thimpu até Genebra, em circunstâncias históricas diametralmente diferente, temos adoptado métodos pacíficos, e participado em conversações para conseguir direitos políticos para o nosso povo.

Apesar de termos agido honestamente e com a máxima dedicação para chegarmos a

uma solução pacífica para a nossa questão nacional, todas as conversações foram em vão. A intransigência do estado de Sinhala, a sua abordagem desonesta e a sua fé na solução militar fizeram falhar as negociações. Mesmo quando tivemos sucessos espectaculares nos campos de batalha e partimos a espinha dorsal das forças armadas de Sinhala, participámos em negociações de paz patrocinadas pela Noruega. Parámos a guerra e participámos com honestidade e diligência nas negociações de paz que demoraram seis anos.

Continuámos a ter paciência com o furor e as provocações das forças armadas. Não que confiássemos que o estado racista de Sinhala respeitaria as reivindicações justas do nosso povo e os avanços da justiça, mas participámos nas negociações para expor a hipocrisia do estado de Sinhala e, ao mesmo tempo, mostrar à comunidade internacional o nosso compromisso com a paz.

Durante as conversações de paz realizadas em várias capitais do mundo, não se tentou resolver as necessidades quotidianas do povo Tâmil, nem negociar a questão nacional básica. Sri Lanka aproveitou a oportunidade das conversações de paz para enfraquecer o LTTE e enganar a nação Tâmil e a comunidade internacional. O estado de Sinhala aproveitou as negociações para farsas, e preparou-se para desencadear uma grande ofensiva contra a nação Tâmil. O estado de Sinhala aproveitou o cessar fogo e o ambiente de paz para reanimar a própria economia devastada e restabelecer o próprio poder militar que estava enfraquecido. Concentrou-se no recrutamento intenso, na reconstrução do seu arsenal, no fortalecimento das forças armadas e em exercícios militares. Enquanto a nação Tâmil dedicava-se a construir a paz, a nação Sinhala dedicava-se a preparativos para a guerra.

Ao mesmo tempo, alguns países que se declaravam Patrocinadores da Paz, na verdade actuavam para entravar as negociações. Difamavam o nosso movimento de liberação tachando-o de organização terrorista. Incluíram-nos nas próprias listas negras e repudiavam-nos como indesejados e intocáveis. O nosso povo que vive em muitos outros países foi forçado a submeter-se a limites opressivos impostos para impedirem actividades políticas de apoio à nossa luta de liberação. Em muitos países, as actividades humanitárias do nosso povo, a respeitar lei e atender amplamente a legislação local, foram assim mesmo obstruídas e proibidas. O objectivo destas actividades era fornecer ajuda humanitária a vítimas sem defesa dos ataques do estado de Sinhala Sri Lanka com genocídios em áreas tamiles. Mesmo assim estas actividades humanitárias foram rotuladas como criminais naqueles países. Representantes do povo Tâmil, assim como os seus líderes comunitários foram detidos, presos e insultados. A parcialidade explícita mostrada pelas acções daqueles países influiu nas negociações, no seu equilíbrio e na sua consideração pelo nosso status como um parceiro no mesmo nível. Isto piorou ainda mais a atitude racista do estado de Sinhala. O chauvinismo Sinhala foi animado, tem se afirmado impunemente e levado o estado de Sinhala inevitavelmente a fortalecer a sua opção pela guerra.

O estado de Sinhala trancou as portas da paz e desencadeou a sua guerra contra a nação Tâmil. O acordo de cessar fogo facilitado pela comunidade internacional foi

revogado unilateramente pelo Sinhala Sri Lanka. Foi estranho não se ouvir qualquer protesto dos patrocinadores da paz; nem mesmo como pura formalidade. Tampouco qualquer preocupação foi demonstrada. Pelo contrário, alguns países da comunidade internacional têm fornecido ao estado de Sinhala: material bélico em abundância, treinamento militar e conselheiros especialistas, tudo grátis. Isto tem estimulado aquele país a intensificar a guerra de genocídio contra os tamiles com audácia terrorista.

Actualmente, o estado de Sinhala, mais que nunca, confia nas próprias forças militares, na sua maneira militarista e na solução militar; almeja impor o próprio despotismo militar na pátria Tâmil e, cada vez mais intensamente, governar os tamiles com firmeza militar. O resultado é a guerra ter-se intensificado e ganho ímpeto. Na verdade, não é uma guerra contra o LTTE como o estado de Sinhala alega. Trata-se de uma guerra contra os tamiles; contra a nação Tâmil. Em suma, uma guerra de genocídio.

Esta guerra aflige sobretudo os tamiles civis. Ao concentrar o calor da guerra no nosso povo e submetê-lo a sofrimentos incomensuráveis, o estado de Sinhala deseja voltar o nosso povo contra a LTTE. Depois de fechar as estradas principais, embargar alimentos e medicamentos, e sufocar a gente em severos cercos militares, o governo desencadeou barragens de bombardeamentos e artilharia. O nosso povo perdeu as próprias terras e a vida serena que tinha nas mesmas, reduziu-se a destruição e vive como refugiados vagantes. Foram forçados a carregar a cruz dos sofrimentos eternos, desde o nascimento até a morte: lutar contra as doenças e a miséria, a má nutrição e o envelhecimento, até a morte, o nosso povo está condenado a sofrer. Com a exclusiva finalidade de tentar partir o desejo inflexível do nosso povo, o estado de Sinhala tem desencadeado ondas de opressão contra o nosso povo e submetido-o a injustiças doridas. Uma imensa guerra económica foi declarada contra o nosso povo, para destruir a nossa vida económica e entravar a nossa vida quotidiana. Nas áreas Tâmil sob controlo militar, todos os meses, desaparecem ou são mortas centenas de pessoas. Nas áreas Sinhala, os desaparecimentos e as mortes dos tamiles tornaram-se uma rotina normal.

Nas áreas tamiles ocupadas militarmente, actualmente, tem havido uma implementação acelerada do genocídio. A morte, a destruição, as atrocidades militares e a vida como numa prisão aberta na própria terra, é o sofrimento insuportável a que o nosso povo é submetido diariamente. Detenção, prisão, tortura, estupro, assassinato, desaparecimento e enterros em lugares desconhecidos formam o círculo vicioso em que a vida do nosso povo está emaranhada. Apesar disto o nosso povo não perdeu as esperanças. Nenhuma medida, por mais que seja punitiva, poderá derrotar o seu desejo de resistir. A sua aspiração de liberdade continua forte. Nenhum bombardeamento aéreo poderá abater a sua determinação para obter a liberdade. O nosso povo está acostumado a carregar a cruz do sofrimento; está acostumado a enfrentar destruição e perdas, na vida quotidiana. Este sofrimento fortalece ainda mais o seu desejo de não abandonar as próprias aspirações. Com um ímpeto como este, o facto da liberdade ser imprescindível ganha ainda mais forças, mais que nunca.

Ao enfrentarmos grandes desafios por tanto tempo assim, temos sacrificado tanto e lutado há tanto tempo, apenas para o nosso povo poder viver em liberdade; viver com

dignidade e viver em paz. Enfrentamos esta luta com o apoio incansável do povo Tâmil, do mundo inteiro. Além disso, a nossa luta não viola os interesses nacionais, geopolíticos ou económicos de qualquer outro país. As aspirações herdadas pelo nosso povo não prejudicam qualquer interesse nacional de outro país ou povo. Ao mesmo tempo, vale a pena lembrar-se que, durante a longa história da nossa luta, não realizámos qualquer acto de agressão contra qualquer estado membro da comunidade internacional.

O nosso movimento de liberação, assim como o nosso povo, sempre desejou manter cordialidade com a comunidade internacional, assim como com a vizinha Índia. Por isto desejamos criar um ambiente viável e melhorar a nossa amizade. Desejamos expressar a nossa boa vontade e ter uma oportunidade para constituir relações construtivas. Cordialmente convido estes países que nos expulsaram, a compreenderem as profundas aspirações e aberturas amigáveis do nosso povo, não proibirem as nossas actividades e reconhecerem a nossa luta justa.

Actualmente tem acontecido grandes mudanças na Índia. As vozes antes abafadas do apoio à nossa luta têm ressurgido fortes novamente. Também há indicações que lá a nossa luta tem se tornado aceitável. Esta mudança positiva no ambiente dá-nos a coragem para tentar renovar as nossas relações com a superpotência indiana. A abordagem e as intervenções anteriores da Índia eram injuriosas para o povo Tâmil Eelam, assim como para a sua luta. O estado racista de Sinhala, com as suas intrigas, conspirou para semear inimizade entre o nosso movimento de liberação e a administração indiana anterior. O conflito causado por este ambiente agravou-se e a guerra tornou-se pesada.

Porém, como termos um compromisso firme com a nossa convicção na liberdade do nosso povo, surgiram fricções entre o nosso movimento e a Índia. Entretanto, em nenhum momento consideramos a Índia uma força inimiga. O nosso povo sempre considerou a Índia como amiga nossa; e tem grandes expectativas que a superpotência Índia tenha uma posição positiva na nossa questão nacional.

Apesar do mar que nos separa, a província indiana de Tâmil Nadu, com perfeita compreensão da nossa situação, teve o gesto de levantar-se em nome do nosso povo nesta hora de necessidades. Esta intervenção atempada gratificou o povo Tâmil Eelam e o nosso movimento de liberação, e deu-nos uma sensação de alívio. Desejo exprimir o meu amor e gratidão, nesta ocasião, pelo povo e os líderes do Tâmil Nadu e os líderes indianos, por manifestarem o seu apoio e mostrarem o seu amor. Amavelmente, gostaria de pedir-lhes que se exprimam de maneira firme a favor da nossa luta por um Estado Tâmil Eelam, e tomem medidas apropriadas e positivas para remover-se a proibição que continua a impedir relações amigáveis entre a Índia e o nosso movimento.

Meu querido povo!

Não tem havido grandes mudanças no cenário político de Sinhala. A política lá se desenvolveu numa forma de guerra demoníaca. Num país que venera Buda que pregava amor e amabilidade, nota-se lado a lado ódio racista e acções bélicas. Consegue-se ouvir

apenas os sons dos tambores de guerra. Não se ouve qualquer voz sã para parar a guerra ou procurar-se uma solução pacífica para o conflito. Na terra Sinhala, desde os políticos até os líderes espirituais, desde os jornalistas até o povo comum, ouvem-se apenas vozes a apoiar a guerra.

A nação Eelam não quer guerra. Não é a favor da violência. É a nação Sinhala que lançou a guerra contra a nossa nação, que antes adoptava o caminho da não violência e pedia justiça de maneira pacífica. Quando os líderes da SAARC da nossa região encontraram-se em Colombo, expressámos a nossa boa vontade e declarámos suspensas as hostilidades. Por outro lado, foi a nação Sinhala que rejeitou a nossa proposta de abertura, tentou ridicularizar-nos e continuou com a sua agressão. Foi a nação Sinhala que apresentou condições inaceitáveis e insultos. É a nação Sinhala que está a continuar a guerra.

A nação Sinhala tem conduzido uma guerra severa de genocídio contra nós, na nossa terra, cujas notícias não chegam ao mundo externo. Os sucessivos regimes de Sinhala têm enganado a comunidade internacional com uma série de logros. A partir da conferência da mesa redonda, a lista de enganos tem aumentado e agora inclui a mais recente conferência da organização All Party. Neste tempo, a comunidade internacional tem sido enganada. Deixa-se a questão da nação Tâmil arrastar-se e nenhuma solução positiva é apresentada. Enquanto isto, a nação Sinhala tem usado as suas forças armadas para deixar a terra Tâmil em chamas; destruiu a vida pacífica na terra Tâmil, deixou o povo Tâmil sem meios, deslocado e errante. A nação Sinhala recusou-se a proporcionar os direitos básicos ao povo Tâmil, dividiu a terra Tâmil em dois, instalou grupos armados anti-Tâmil nas sedes da administração a governar de maneira militar e tirana. Isto está a continuar com a guerra, com propostas de submeter um plano que possa proporcionar uma solução apenas depois da derrota da LTTE. A nação Sinhala deseja oferecer uma solução apenas depois dos tamiles terem sido suprimidos e mortos? Deseja aniquilar os verdadeiros representantes dos tamiles e o seu poder de contratação antes de debater uma solução? A nação Sinhala tem se recusado a reconhecer a pátria histórica dos tamiles. Nesta situação, como poderá oferecer uma solução justa para o nosso povo?

Relativamente à questão nacional Tâmil, a nação Sinhala tem adoptado uma única política. É obviamente uma política de supressão. Mesmo a mais ténue esperança do nosso povo da nação Sinhala abandonar o seu caminho de violência e oferecer justiça agora já se esgotou. Não houve qualquer transformação política nos últimos sessenta anos na nação Sinhala. Portanto, as esperanças que haja no futuro são vãs. O nosso povo não está disposto a confiar novamente na nação Sinhala, e ser novamente enganado.

É verdade que Tâmil Eelam é uma pequena nação no mundo. Entretanto, é uma nação com um grande potencial. É uma nação com uma individualidade característica. Tem língua, herança cultural e histórias distintas. Os cingaleses estão a tentar, com o próprio poder militar, destruir tudo isto; a tentar destruir a soberania Tâmil e substitui-la com a soberania Sinhala. Como o movimento de liberação do povo Tâmil Eelam nunca, jamais

permitiremos uma ocupação Sinhala nem uma dominação Sinhala da nossa pátria.

Sejam quais forem os desafios que tivermos de enfrentar, as contingências que encontrarmos, as forças que nos travarem o caminho, sempre continuaremos a nossa luta pela liberdade do povo Tâmil. Pelo caminho mostrado pela história, a controlar as circunstâncias do momento, continuaremos a nossa luta até terminar a ocupação Sinhala da nossa pátria.

Nesta encruzilhada histórica, pediria aos tamiles, onde quer que estejam no mundo, que vivam para que se ouçam as suas vozes, firmes e determinadas, de apoio para a luta pela liberdade dos seus irmãos e irmãs em Tâmil Eelam. Pediria a eles, do fundo do meu coração, para fortalecerem os meios do nosso movimento de liberação e continuarem a aumentar as suas contribuições e ajuda. Também aproveito esta oportunidade para expressar a minha apreciação e os meus elogios pela nossa juventude Tâmil que vive fora da nossa pátria, pelo papel proeminente e o compromisso que tem com uma contribuição activa pela liberação da nossa nação.

Tomemos todos uma decisão firme e determinada de seguir inteiramente o caminho dos nossos heróis, que, ao tentarem chegar à nossa aspiração de justiça e liberdade, sacrificaram-se e passaram a ser parte da história da nossa terra e do nosso povo.

"Pulihalin Thaham Thamileelath Thayaham"

.....
(V. Pirapaharan)
Líder
Tigres da Liberação de Tamileelam